

# VENCENDO A INDISCIPLINA POR MEIO DOS JOGOS COOPERATIVOS

## INDISCIPLINE WINNING THROUGH THE COOPERATIVE GAMES

<sup>1</sup> Joelma Maria Uhlig

<sup>2</sup> Sérgio Luiz Carlos dos Santos

### RESUMO

O presente estudo tratou da indisciplina dos alunos de 6ª série do Colégio Estadual Alfredo Greipel Júnior, Município de Piên-PR e as contribuições da Educação Física, por meio dos Jogos Cooperativos, para minimizar esta situação. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, de natureza qualitativa, buscando a obtenção de dados descritivos, através do contato direto do pesquisador com o objeto estudado, enfatizando mais o processo do que o produto. Partindo para a aplicação de aulas laboratório, contemplando os Jogos Cooperativos, para em seguida realizar os registros e apontamentos sobre o andamento das mesmas. Após o término de todo o projeto, foi feita uma análise geral dos apontamentos realizados. Pretendeu-se com este trabalho buscar, através da realização de aulas laboratório focadas nos jogos cooperativos, minimizar o problema da indisciplina no contexto da escola citada.

Palavras-chave: Indisciplina. Educação Física. Jogos Cooperativos.

### ABSTRACT

This study dealt with the indiscipline of students in grade 6 State College Greipel Alfredo Júnior, Municipality of Piên-PR and the contributions of Physical Education, through the Cooperative Games, to minimize this situation. The methodology used was action research, qualitative, seeking to obtain descriptive data through the researcher's direct contact with the object studied, emphasizing more the process than the product. Assuming for the application of laboratory classes, observing the Cooperative Games, to then make the records and notes on the progress of same. Upon completion of the entire project, was made a general analysis of the notes made. The aim was to get this work by conducting laboratory classes focused on cooperative games, minimize the problem of indiscipline within the school mentioned.

Key words: Indiscipline. Physical Education. Cooperative Games.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Pública Estadual do Paraná.

<sup>2</sup> Prof. Dr. Chefe do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

## INTRODUÇÃO

Atualmente a indisciplina tornou-se um “obstáculo” ao trabalho pedagógico e os professores ficam desgastados, tentam várias alternativas, e já não sabendo o que fazer, chegam mesmo em algumas oportunidades a pedir ao aluno indisciplinado que se retire da sala já que ele atrapalha o rendimento do restante do grupo.

Nesses casos, os alunos são encaminhados à Equipe Pedagógica, onde muitas vezes há pressões por parte dos professores para que sejam aplicadas punições severas a esses estudantes.

Como agir nessa situação?

De que forma a Educação Física pode ajudar?

Os adolescentes e jovens estão perdendo a noção de seus limites, dos valores humanos e a consequência disto é o que enfrentamos dentro da escola e fora dela, na sociedade.

O aluno passa a imaginar que na escola pode, assim como em casa, “fazer o que bem entender”, entrando em conflito com o próximo, se auto-destruindo.

Uma das funções da escola é estabelecer limites e proporcionar uma educação plena com vistas ao desabrochar de virtudes e valores aos seus alunos. Um lugar privilegiado para que aconteça uma educação adaptada às exigências do nosso tempo.

A Educação Física, sendo um dos componentes curriculares da escola, tem como função educar para compreender e transformar a realidade que nos cerca, a partir de sua especificidade que é a cultura do movimento humano. Sendo este, carregado de elementos históricos, éticos, técnicos, políticos, filosóficos, étnicos que devem ser estudados e praticados na escola.

Se o objetivo da escola é atender à educação global do aluno, a Educação Física, como seu componente curricular precisa também dar a sua contribuição para que o aluno possa conhecer escolher, vivenciar, transformar, planejar e ser capaz de vivenciar os valores associados à boa convivência em sociedade.

Desta forma, tendo em vista o aumento da indisciplina no espaço escolar este trabalho teve como objetivo geral:

- Contribuir na busca da disciplina dos alunos na escola por meio dos Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física.

Objetivos específicos:

- Levantar informações de ordem pessoal e escolar do aluno (sexo, idade, com quem mora, se mora perto ou longe da escola, visão que o aluno tem de sua escola, se gosta de sua turma, como considera sua turma);
- Buscar informações dos alunos referentes às aulas de Educação Física;
- Saber qual a idéia do aluno sobre os Jogos Cooperativos;
- Apontar dados sobre a participação do aluno no projeto proposto;
- Verificar as possíveis transformações comportamentais ocorridas no processo ( melhora no comportamento, se houve comentários, quais os comentários recebidos);
- Perceber se houve uma atribuição dada aos Jogos Cooperativos na melhora de comportamento do aluno;
- Verificar se o aluno demonstra saber o significado da palavra cooperar e se o mesmo consegue observar situações cooperativas dentro da escola.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo BOGDAN e BIKLEN apud LÜDKE e ANDRÈ (1986, p. 13) “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. A coleta de dados deu-se por meio de um processo interativo, utilizando-se questionários intitulados Instrumento de Coleta de Dados I e II.

Com base nos autores citados, a referida pesquisa visou coletar informações no colégio, mais especificamente junto aos alunos através de um questionário elaborado pela pesquisadora e posteriormente aplicado aos alunos.

Foram elaboradas e aplicadas 10(dez) aulas contemplando brincadeiras e jogos cooperativos.

Depois de cada aula, registros e apontamentos foram realizados sobre o andamento das mesmas. Após o término de toda a implementação do projeto foi realizada uma análise e interpretação dos dados coletados.

O estudo realizou-se no Colégio Estadual Alfredo Greipel Júnior, no Município de Piên- PR.

Fizeram parte da pesquisa os alunos de uma das sextas séries do Ensino Fundamental pertencentes ao Colégio Estadual Alfredo Greipel Júnior, indicada por seus professores por apresentar maior problema de indisciplina, bem como, professores da turma, equipe pedagógica e direção.

É importante lembrar que a colaboração dos professores, equipe pedagógica e direção foi voluntária e não obrigatória.

## **APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA**

Esta pesquisa foi desenvolvida respeitando-se uma seqüência lógica de etapas, sendo a primeira delas, a apresentação de todo o processo aos pais e professores. Em uma reunião no início do ano letivo, a pesquisadora teve a oportunidade de, além de apresentar seu projeto, responder questionamentos e fazer explicações em torno do mesmo. A próxima etapa transposta foi detectar, no conselho de classe do primeiro bimestre, juntamente com todo o corpo docente, equipe pedagógica e direção, a turma de sexta série considerada mais indisciplinada. Em seguida, partiu-se para a elaboração e aplicação do primeiro instrumento de coleta de dados que teve como objetivo coletar informações de ordem pessoal e escolar do aluno.

Depois da aplicação do instrumento de coleta de dados I, iniciou-se então, o desenvolvimento das dez aulas contemplando os Jogos Cooperativos. Após o término destas aulas, a pesquisadora realizou relatórios e anotações que auxiliaram na interpretação dos resultados finais.

A última etapa, direcionada aos participantes, foi a aplicação do instrumento de coleta de dados II, que teve como objetivo levantar dados sobre a participação do aluno na proposta, seu entendimento referente ao tema estudado e as possíveis transformações comportamentais ocorridas no processo. A importância destes dados foi de grande relevância para a conclusão do trabalho, pois apresentaram fidedignamente as percepções causadas nos alunos.

## **DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Os participantes deste estudo foram 27 alunos da 6ª B, turno vespertino, sendo 56% do sexo feminino e 44% do masculino, com idade entre 11 e 12 anos. A maioria desses alunos estuda na escola citada desde a quinta série sendo que nas séries iniciais estudaram em duas escolas da rede pública municipal.

A maioria dos participantes desta pesquisa mora com os pais e irmãos (92%), não muito próximos da escola, cerca de 70% necessita do transporte escolar para frequentar as aulas.

Nas figuras 1, 2, 3 e 4 podemos verificar os dados relacionados a visão que os alunos tem da escola e da sua turma. Os dados mostram que com relação à escola, grande parte dos alunos a vê na sua esfera estrutural, denominando-a como bonita, pintada, organizada e bem cuidada. Além desta perspectiva de como o aluno vê sua escola, foi-lhes questionado se ele gosta da sua turma, os resultados indicam que grande parte da turma gosta dos colegas e que tem muitos amigos na classe. Consideram ainda, sua turma agitada e bagunceira, sendo que para alguns a turma é tranqüila, o termo indisciplinada não foi apontado pelos alunos.

Isso pode ser justificado, talvez, pelo fato de atualmente, estarmos vivendo num outro contexto, influenciados por mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais, onde professores e alunos, e mesmo a própria instituição escolar, assumem um papel diferente na sociedade. Acredita-se hoje que os professores devem estar mais preocupados com seu aperfeiçoamento, permitindo que seus alunos questionem, tirem suas dúvidas, se posicionem. Enquanto os alunos, por sua vez, tem mais acesso a informação, se consideram livres para questionar, criar e participar.

Figura 1: Resultado de Visão dos Alunos Sobre a Escola

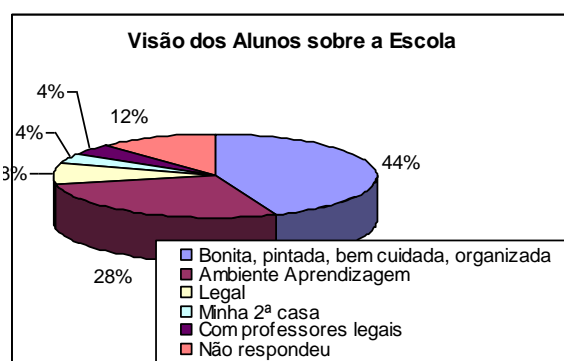


Figura 2: Resultado de Alunos Que Gostam de sua Turma

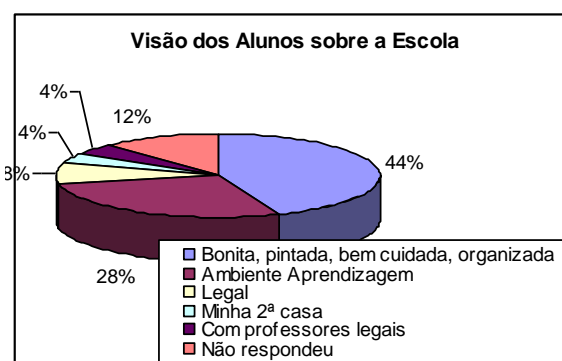


Figura 3: Resultado de Motivos pelos quais os Alunos Gostam ou não da sua Turma

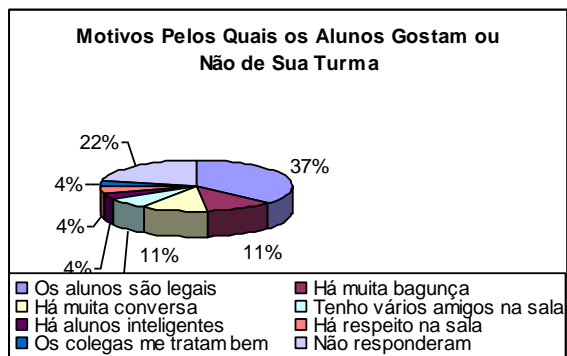
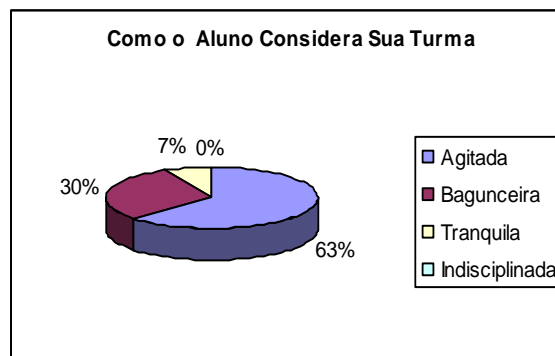


Figura 4: Resultado de Como o Aluno Considera sua Turma



Os resultados das variáveis relacionadas à Educação Física e os Jogos Cooperativos, estão apresentados nas figuras 5, 6 7 e 8. Além de conhecer um pouco mais o lado pessoal do aluno, este primeiro instrumento de coleta de dados buscou informações referentes às aulas de Educação Física e pretendeu-se saber qual a idéia do aluno a respeito dos Jogos Cooperativos. Em relação às aulas de Educação Física, foi-lhes questionado se eles gostavam das aulas e por quê? A maioria dos alunos respondeu gostar das aulas por aprender coisas novas, legais e divertidas e porque as aulas são boas. Sobre os Jogos Cooperativos, a maioria respondeu que não ouviu falar sobre eles, mas, demonstraram perceber, talvez até pelo próprio nome, que estes jogos servem para que haja cooperação dos alunos nos jogos.

Uma explicação para estas respostas seria a quantidade muito inexpressiva de vezes em que estes alunos experimentaram atividades dirigidas para a cooperação, integração do grupo nas aulas de Educação Física.

BROTTO (2002, p.45) analisa que poucas vezes os programas de Educação Física, esporte ou recreação, promovem atividades dirigidas para que a competição deixe de ser um comportamento condicionado e para que sejam experimentadas outras formas de jogar e se relacionar com os outros. “Sem opções, não há escolha real. Existe apenas a obediência e a submissão ao que já existe.”

Figura 5: Resultado de Alunos que gostam ou não das aulas de Educação Física.

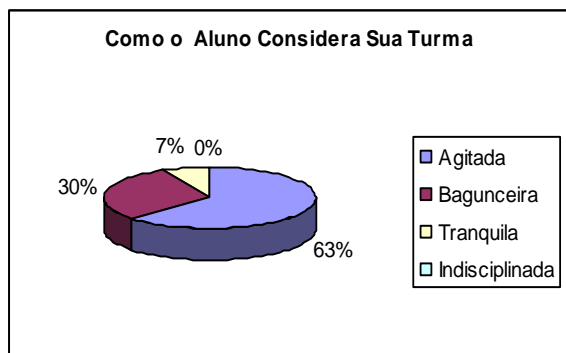


Figura 6: Resultado de Motivos pelos quais os alunos gostam das aulas de Educação Física.

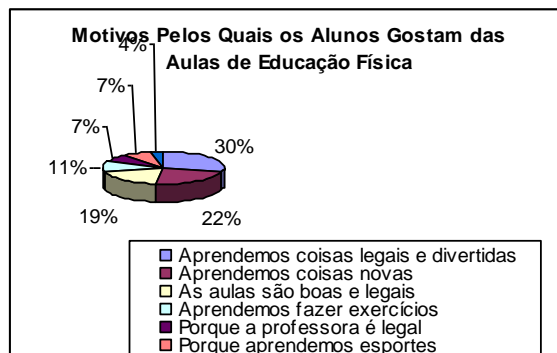
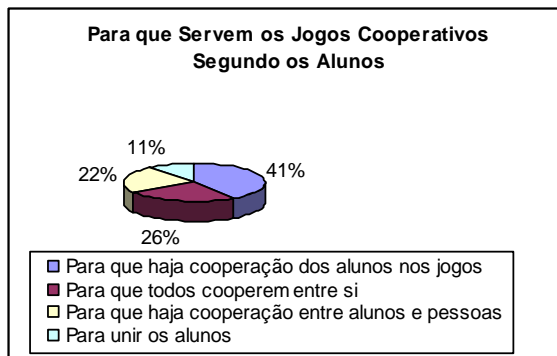


Figura 7: Resultado de Alunos que já ouviram falar em Jogos Cooperativos



Figura 8: Resultado de Para que servem os Jogos Cooperativos segundo os Alunos.



Após a realização de 10 (dez) aulas laboratório contemplando diferentes Jogos Cooperativos elaborados por BROTTTO, SOLER e BROWN, a pesquisadora aplicou um novo questionário, intitulado Instrumento de Coleta de Dados II, que teve como objetivo levantar dados sobre a participação do aluno na proposta, seu entendimento referente ao tema estudado e as possíveis transformações comportamentais ocorridas no processo.

O Instrumento de coleta de dados mostrou que todos os alunos gostaram de ter participado do projeto: Vencendo a Indisciplina por meio dos Jogos Cooperativos, porque este projeto ajudou a melhorar o contato e o relacionamento entre as pessoas envolvidas, segundo os alunos, ainda, este projeto ensinou algo que eles não sabiam de uma forma legal e boa.

A maioria dos alunos ainda considera sua turma agitada após a realização dos Jogos Cooperativos, mas, 96 % deles afirmam que o seu relacionamento com

os colegas em sala de aula melhorou e 100% dos alunos participantes afirmou que esta melhora no comportamento atribui-se a realização dos Jogos Cooperativos.

Nas figuras 9, 10, 11 e 12 apresentamos os resultados das questões referentes a melhora deste comportamento, se ele foi percebido pelas pessoas de seu convívio, quais os comentários feitos e também a atribuição dada aos Jogos Cooperativos quanto a sua melhora como pessoa.

A figura 9 apresenta o resultado dos comentários feitos por pessoas que perceberam uma melhora no comportamento dos alunos da 6ª série B. Já na figura 10 é possível verificar quais foram os comentários feitos por estas pessoas. Nas figuras 11 e 12 pode-se perceber a atribuição dada aos Jogos Cooperativos na melhora enquanto pessoa, pelo próprio aluno e as suas justificativas.

Figura 9: Resultado de Comportamento do Aluno – Motivo de Comentários

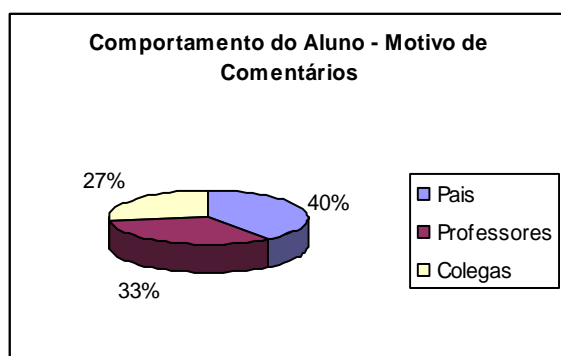


Figura 10: Resultado de Tipo de Comentários Recebidos

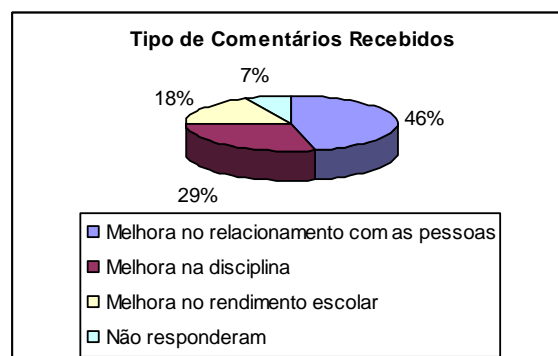


Figura 11: Resultado de Atribuição da Melhora Como pessoa



Figura 12: Resultado de Motivos que Levaram os Alunos à Atribuir aos JC sua Melhora Enquanto Pessoa.





Com relação as perguntas feitas sobre o significado da palavra cooperar e se é possível haver situações cooperativas na escola, as figuras 13 e 14 apresentam um resultado bastante significativo.

Figura 13: Resultado de Significado da Palavra Cooperar

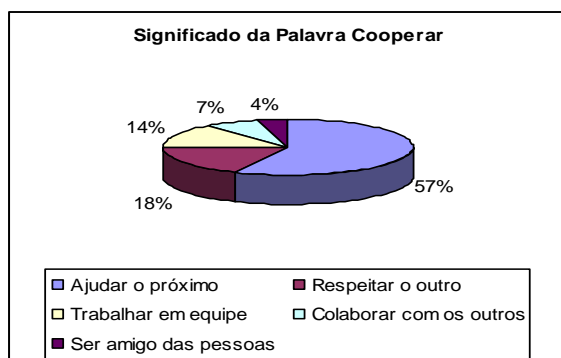
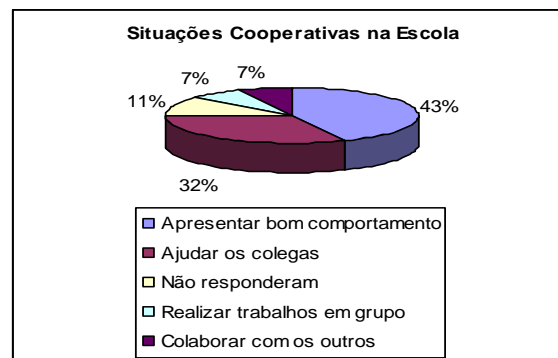


Figura 14: Resultado de Situações Cooperativas na Escola



Segundo ORLICK (1989, p.97) as atividades físicas e os esportes tem realmente a capacidade de orientados positivamente, contribuir para a vida das pessoas ao proporcionar atividades prazerosas e compensadoras e criar oportunidades para sua interação. Um jogo revigorante, uma brincadeira excitante, um novo passe, correr apreciando a paisagem ou a tranquilidade em um passeio de canoa podem garantir momentos muito agradáveis e gratificantes para muita gente.

Para o autor, se as pessoas começarem a se divertir e a jogar construtivamente, ao invés de a competitividade e agressividade serem condições para a participação, os esportes se tornarão mais atraentes para um número maior de pessoas.

Porém, ORLICK (1989, p. 99-100) observa que à medida que os esportes se tornam mais sérios e mais direcionados para o rendimento, a diversão vai sucumbindo.

O autor (1989, p.103) acrescenta que as crianças, quando iniciam em um esporte, jogam ou praticam por prazer, pelo puro prazer de jogar. Mas depois, tendem a agir de modo a atender a expectativa de outras pessoas, principalmente se estas forem importantes para ela. Dessa forma o comportamento que desenvolvem provavelmente reflete mais o que esperam delas do que o que elas próprias pensam. Essas crianças são ensinadas que vencer é a única coisa importante, mesmo que elas próprias, a princípio, não achem isso.

ORLICK (1989, p.107) afirma que o jogo, através das suas regras, das reações dos outros, das recompensas e punições, pode nos formar em direções

variadas. E então se pergunta, nos convidando a refletir da mesma forma: Em vez de criar jogos que refletem puramente a competitividade, a desonestidade e a cobiça da sociedade, “[...] por que não criar e participar de jogos que nos tornem mais cooperativos, honestos e atenciosos para com os outros?”

Segundo o autor (1989, p.117) as experiências cooperativas bem direcionadas durante a infância ajudarão as crianças a cristalizarem a atração pelas alternativas cooperativas durante toda a vida. É viável procurar introduzir valores mais humanos através de brincadeiras e jogos, que, com o tempo, poderão ajudar a humanizar a sociedade como um todo. ORLICK (1989, p.108) ainda acrescenta que os jogos de que as crianças participam se tornam seus jogos da vida:

Se elas aprendem que o poder é correto, que vencer é a única coisa que importa, que elas devem seguir as regras do jogo a todo custo, então seus comportamentos podem emergir da trapaça, das mentiras, e da enganação e até da violência no jogo da própria vida. Se os padrões das brincadeiras preparam as crianças para os seus papéis como adultos, então será melhor nos certificarmos de que os papéis para os quais elas estão sendo preparadas sejam desejáveis.

De acordo com o sociólogo francês FRANÇOIS DUBET (1997, p. 228), “a disciplina é conquistada todos os dias, é preciso sempre lembrar as regras do jogo, cada vez é preciso reinteressá-los, cada vez é preciso ameaçar, cada vez é preciso recompensar”. Isso nos coloca diante de um antônimo de indisciplina, nos lembrando que o respeito às regras dentro de uma instituição é de fundamental importância para o seu funcionamento pleno e que, conseqüentemente, a indisciplina representa a ameaça pela desobediência às regras estabelecidas. Por isso, DUBET (1997) ressalta a necessidade dos professores relembrem as regras e estimularem o seu cumprimento no decorrer do ano letivo.

FRANÇOIS DUBET (1997, p. 231) reforça a idéia de que “os professores mais eficientes são, em geral, aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que tem confiança nos alunos. Os mais eficientes são também os professores que veem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser”.

Sabemos que para obter disciplina em qualquer ambiente em que vivemos não podemos deixar de falar de respeito. Segundo TARDELI (2003), o tema respeito está centrado na moralidade. Isso quer dizer que cada pessoa tem, junto com sua vida intelectual, afetiva, religiosa ou fantasiosa, uma vida moral. E o primeiro a

atribuir um significado a moralização e inserir no conceito de ética foi o filósofo Demócrito.

Entendemos que o papel do professor na escola é muito mais abrangente, pois ele precisa estar atento às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e para preparação do educando para o exercício da cidadania ativa e pensante.

Será que sabemos ouvir nossos alunos? O diálogo envolve o respeito em saber ouvir e entender nossos alunos, mostrando a eles nossa preocupação com suas opiniões e com suas atitudes e o nosso interesse em poder dar a assistência necessária ao aperfeiçoamento do seu processo de aprendizagem.

É também compromisso do educador se preocupar com a disciplina e responsabilidade de seus alunos. Para PIAGET (1996), o respeito constitui o sentimento fundamental que possibilita a aquisição das noções morais. Conseguimos atingir a responsabilidade, desenvolvendo a cooperação, a solidariedade, o comprometimento com o grupo, criando contratos e regras claras e que precisarão ser cumpridas com justiça.

O professor passa a se preocupar com a motivação de seus alunos, tendo maior compromisso com seu projeto pedagógico e as questões afetivas, obtendo dessa forma uma relação verdadeira com seus educandos. Sob uma visão Piagetiana, o professor que na sala de aula dialoga com seu aluno, busca decisões conjuntas por meio da cooperação, para que haja um aprendizado através de contratos, que honra com sua palavra e promove relações de reciprocidade, sendo respeitoso com seus alunos, obtendo dessa forma um melhor aproveitamento escolar.

Segundo TARDELI (2003), só se estabelece um encontro significativo quando o mestre incorpora o real sentido de sua função, que é orientar e ensinar o caminho para o conhecimento, amparado pela relação de cooperação e respeito mútuos.

A postura “oficial” da escola, observada durante este estudo, liga diretamente disciplina ao comportamento do aluno. Por um lado, a disciplina do aluno está ligada à estrutura que a escola oferece como espaço físico disponível, materiais de apoio, esportivos, etc. por outro lado, o comportamento dos alunos tem relação direta com as atitudes do professor. Quando este é autoritário ou excessivamente liberal, os alunos tendem a reagir negativamente.

Para ZAGURY (1999), não podemos ignorar ou desvincular a história de vida do aluno, de sua família e do meio em que vive. Ele traz de casa, da sociedade um

olhar de mundo que não foi aprendido na escola e, às vezes, dependendo de qual seja ele, a escola hesita em aceitar. Porém, um fenômeno interessante ocorre no grupo de alunos. Quando um limite é discutido e decidido entre os alunos e o professor, ele pode ser cobrado em sala de aula e será aceito. Outro sintoma é a instalação de certos hábitos que vão sendo adquiridos pela convivência entre os alunos em classe. Por isso acontece de alunos indisciplinados, em contato com um ambiente calmo e acolhedor, conseguirem com o tempo se relacionar de maneira amigável e aumentar consideravelmente sua produção e seu conhecimento.

Estabelecer limites (disciplina) é uma das funções da escola. Mas a diferença entre serem respeitados ou não está na maneira como são colocados. Segundo ARAUJO (1996, p. 110), dois aspectos são importantes e precisam ser observados na relação entre disciplina, regras e moralidade:

Em primeiro lugar deve-se observar o princípio subjacente à regra, porque se este não for de justiça, a regra será imoral e, portanto, a indisciplina poderá ser sinal de autonomia. Outro aspecto relevante a ser observado é a forma com que foi estabelecida: se coercivamente, ou estabelecida com base em princípios democráticos. Se imposta autoritariamente, o sujeito pode não se sentir obrigado a cumpri-la, e a indisciplina pode ser um protesto em relação à autoridade.

Além da importância das decisões sobre comportamentos serem decididas coletivamente, existe ainda, outra condição na busca da disciplina do aluno que diz respeito à maneira como os profissionais se relacionam, diariamente, com o aluno na escola. A atitude de um professor frente aos alunos, dentro da sala de aula, somada à dos funcionários e equipe de apoio pedagógico, nos ambientes externos, é determinante. O aluno que se sente respeitado tende a agir de maneira mais consciente, afetiva, aceitando as “normas” do grupo. É evidente que alguns casos se mostram tão comprometidos que pouco se pode fazer, além de encaminhar o aluno para especialistas em busca de soluções não encontradas pela escola. São os casos de patologias que resultam em comportamentos só solucionados com tratamentos específicos. Mesmo em casos assim, a escola pode, se quiser, ser um ambiente de ajuda e recuperação.

Por certo, a busca do equilíbrio entre as situações dicotômicas de excesso de liberdade e imposição arbitrarias de normas de conduta precisa ser superada. Assim o próprio ARAUJO (1996, p.111) afirma: “acredito que se deve buscar uma perspectiva que rompa essa dicotomia... isso só será possível com a

democratização das escolas, a partir de relações de respeito mútuo e reciprocidade que modifiquem a visão sobre o papel que as regras devem exercer nas instituições”. Daí a importância da escola ter clareza dos objetivos que, muitas vezes, encontram-se implícitos nela mesma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos resultados apresentados foi possível apontar algumas conclusões. Os próprios participantes perceberam uma melhora em seu comportamento. Por mais que não tivessem apontado sua turma como indisciplinada, e sim, agitada, 96% deles afirmou que o seu relacionamento com os colegas em sala de aula melhorou que o mesmo foi percebido pelos familiares e por professores e que para 100% deles, esta melhora atribui-se a realização dos Jogos Cooperativos.

Os objetivos propostos neste projeto foram alcançados, uma vez que ao término do segundo bimestre, em reunião de conselho de classe, os professores presentes e equipe pedagógica foram unânimes em afirmar que o grau de indisciplina na 6ª série B diminuiu consideravelmente. Outro aspecto bastante significativo percebido pela pesquisadora e pela equipe pedagógica é que a turma demonstrou ter compreendido o significado do termo cooperar, que cooperar na escola permite que todas as ações sejam compartilhadas e que os resultados são benéficos para todos. Encontramos no resultado da pesquisa que a cooperação com o colega proporciona respeito e responsabilidade, ambos possibilitam a aquisição das noções morais e como consequência, produzem relações mais harmoniosas.

A realização deste projeto proporcionou também uma maior aproximação da professora com os alunos possibilitando um diálogo entre eles, favorecendo a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Sob uma visão Piagetiana, o professor que na sala de aula dialoga com seu aluno, busca decisões conjuntas por meio da cooperação, para que haja um aprendizado através de contratos, que honra com sua palavra e promove relações de reciprocidade, sendo respeitoso com seus alunos, obtendo dessa forma um melhor aproveitamento escolar.

É nesse sentido que podemos em observância aos dados apresentados concluir que a realização deste projeto, envolvendo os Jogos Cooperativos foi um instrumento bastante expressivo na busca pela disciplina da turma pesquisada, pois

96% dos participantes atribuíram a sua melhora enquanto pessoa aos Jogos Cooperativos. E quando lhes foi perguntado sobre o significado da palavra cooperar, e se na escola é possível haver situações cooperativas, comprovou-se através das respostas apresentadas que o aluno tem a percepção de que sem cooperação com os colegas não há disciplina em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho=aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Julio G. (Org.) **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

AQUINO, Julio G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, Ulisses F. **Moralidade e Indisciplina**: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, Julio G. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

BARROSO, J. **O estudo da autonomia da escola**: da autonomia decretada à autonomia construída. In: BARROSO, J. O estudo da escola. Porto: Porto Ed, 1996.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. 7 ed. Santos: Projeto Cooperação, 2003.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: O jogo e o esporte como um exercício de convivência. 2 ed. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BROWN, Guilherme. **Jogos cooperativos como auxiliar na resolução de conflitos**. Revista Jogos Cooperativos, Barueri, v. 2, p.5-6, set. 2001(a)

DUBET, François. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**: entrevista com François Dubet. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago. 1997 p. 222-31

FREIRE, João Batista. **O jogo**: Entre o riso e o choro. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E (Org). **Autonomia da escola**: princípios e propostas. 6 ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

JOÃO Batista Freire de Corpo Inteiro. **Jogos cooperativos**: Para jogar uns COM os outros e VenSER... Juntos! 2001<sup>a</sup>. Disponível em [http://www.decorpointeiro.com.br/divulgacao\\_02.htm](http://www.decorpointeiro.com.br/divulgacao_02.htm). Acesso em 23 jul. 2004.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli . **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1990.

MORAIS, R. **O meio urbano**: mercado de aflições. In: MORAIS R. (org.) Construção social da enfermidade. São Paulo: Cortez, 1978.

MORAIS, R. **Entre a educação e a barbárie**. Campinas: Papirus, 1982.

MORAIS, R. **O que é ensinar?** São Paulo: Cortez, 1986.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. Tradução: Fernando J. G. Martins. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. Tradução de: Winning through cooperation.(1989).

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de Educação. Diretrizes Curriculares de Educação Física para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Curitiba: SEED, 2008.

PIAGET, Jean. **A educação da liberdade**. Trad. Telma P. Vinha in Piaget: teoria e prática. Campinas: Tecnicópias, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**: o transitório e o permanente na educação. 5 ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

RUIZ, Egydio. **Aprendendo a Didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

TARDELI, Denise d'Aurea. **O respeito na sala de aula**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 1.

TIBA, Içami. **Disciplina**: O limite na medida certa. 2.ed. São Paulo: Gente, 1996.

ZAGURY, Tânia. **Encurtando a adolescência**. Rio de Janeiro: Record, 1996.